

POSSAS, Lídia Maria Vianna. *Mulheres, Trens e Trilhos: modernidade no sertão paulista*. Bauru, SP: EDUSC, 2001. 462 p.

Rosângela M. S. Petuba.¹

Neste livro, fruto de sua tese de doutorado, Lídia Maria Vianna Possa, professora do Deptº de História da Unesp/Marília, demonstra que o problema das fontes para o estudo da presença e das trajetórias femininas em espaços marcadamente masculinos depende muito do olhar do historiador.

Ao focar o universo dos trens e trilhos da Ferrovia Noroeste Brasil, a NOB, a autora retoma esses espaços conhecidos na infância, mas desta feita instigada a desvendá-los sob a ótica das experiências sociais femininas minimizadas e/ou silenciadas nos registros e referências sobre a ferrovia e seu significado na história do país.

Para romper esse silêncio sobre o trabalho das mulheres na NOB e mais especificamente, na cidade de Bauru durante o período, a autora se dedicou a um minucioso inventário das fontes, conduzida por uma postura de “olhar de novo”, ou seja, atentar aos fragmentos indiciários em documentos produzidos no e pelo masculino: “... mas elas estavam lá, desde 1918, penetrando de maneira imperceptível o espaço varonil da ferrovia” [p 28].

Na realização da pesquisa, foram consultados jornais e revistas de Bauru e São Paulo, Relatórios Anuais da NOB enviados ao Ministério de Viação, Boletins de Pessoal, Fichas Funcionais, Acervos de Fotografia e realizadas 21 entrevistas de história oral com ex-ferroviárias.

¹ Professora Assistente no Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR.

No primeiro momento do trabalho, Possas busca refletir sobre o impacto da ferrovia reconhecida como um “monumento móvel”, símbolo da racionalidade, da técnica e do progresso do mundo burguês a partir da segunda metade do século XIX. Andando na trilha já seguida por outros autores², ela vai discutir e analisar as representações e imagens criadas pela ferrovia como espetáculo do progresso, engendrando mudanças significativas nas sensibilidades e sociabilidades bem como no processo de formação e transformação urbana, onde a presença da mulher gerou também resistências, exploração, disciplinarização e obviamente silenciou e ocultou sujeitos sociais e memórias múltiplas, inclusive as femininas.

A chegada de ferrovia na cidade de Bauru e região também é atentamente observada pela autora, as mulheres aparecem no seu relato recuperadas como forasteiras, mulheres fidalgas, “milonguitas de pálpebras murchas, incendiando a floresta dos desejos masculinos” [p.87], se instalando nos espaços marginais e proscritos, paupérrimos ou luxuosos, aquelas que chegam trazendo os vícios chiques da paulicéia desvairada. Elas são percebidas como responsáveis pela interiorização de novos valores e costumes, pela reordenação de certos espaços da cidade, do meretrício chique de Madame Eny ou dos bares e das ruas destinados ao trânsito, ao comércio e aos prazeres dos trabalhadores.

Essas mulheres públicas ganham visibilidade nas formas de lirismo e também dos documentos da contravenção, porém as outras permanecem imperceptíveis e silenciadas em meio a uma documentação rarefeita e fragmentada. Perseguindo indícios, a autora começa a se aproximar das condições do acesso feminino à ferrovia. Então começamos a descobrir as tramas da presença feminina nos trilhos da ferrovia: mulheres no trabalho temporário; ocupando lugares nos setores burocráticos e administrativos da ferrovia,

² HARDMAN, Francisco Foot. *Trem Fantasma: a modernidade na selva*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

primeiro por indicações de conhecidos e depois por concurso público, mas, independentemente do cargo que ocupavam, do tempo de serviço ou das condições de entrada na NOB, todas elas enfrentaram a dicotomia de papéis prescritos: mulher do lar X mulher pública. Seu enquadramento na ordem ferroviária foi lento e gradual, penetraram nesse universo de trens e trilhos como vagabundas, tagarelas, fofoqueiras e briguentas, carregando imagens emblemáticas, papéis pré-determinados que refletiam o senso comum da sociedade, mesmo diante do processo de urbanização. Muitas delas acabaram interiorizando os valores que as discriminavam, mesmo assim essas experiências forjaram novos modelos de maridos e esposas, iniciando outras formas de relações sociais e familiares na vida dessas trabalhadoras ferroviárias.

Possas afirma que o ato de “prosear” foi uma forma de comunicabilidade decorrente do processo de socialização que os trens e trilhos permitiam, que penetravam com facilidade no imaginário coletivo do mundo dos ferroviários e das ferroviárias permeando seu cotidiano, fazendo parte constante das experiências vividas e responsáveis hoje pela sustentação de grande parte de suas memórias, partindo deste pressuposto ela utiliza as entrevistas orais para se aproximar da memória coletiva e individual destas trabalhadoras que acreditavam não terem nada de importante a dizer sobre a ferrovia.. Alinhavando essas memórias às outras fontes documentais, a autora descortina uma outra realidade: inserindo-se na ferrovia desde 1918, as mulheres foram chegando aos poucos, num primeiro momento executando trabalhos associadas às tarefas domésticas: lavar e passar as toalhas de mesa e lençóis dos vagões de passageiros, costurar os uniformes dos ferroviários entre outros e atuando como trabalhadoras temporárias, as extranumerárias, vivenciaram a precariedade dessas condições de trabalho e também resistiram às imposições disciplinares do ambiente ferroviário, algumas tiveram a oportunidade de ingressar com funcionárias públicas da NOB, a maioria, entretanto, desapareceu dos registros da ferrovia.

A autora reconstitui também outras trajetórias de ferroviárias que vão ocupando os escritórios da administração, locais notadamente masculinos, problematiza, porém, que paralelamente a essa ocupação de cargos ferroviários pelas mulheres, há a construção dentro do cotidiano e do imaginário da ferrovia da imagem de certas tarefas e certos modos de trabalho como sendo “tarefas de mulheres” (telefonistas, secretária, conferidora, expedidora, separadora). Essas atividades eram alvo de todo tipo de descaso e rearranjos institucionais. De certa forma a falta de aprendizagem específica ou educação institucionalizada tornava a improvisação uma constante e no sentido da produção colocava essas trabalhadoras às margens do sistema ferroviário.

Lídia Maria destaca ainda o envolvimento das mulheres ferroviárias nas fileiras da AIB – Ação Integralista Brasileira, que tinha formulado sua concepção sobre o papel da mulher na sociedade brasileira: mulher operária/mulher doméstica, divulgando-a na imprensa e nas reuniões nas quais muitas ferroviárias se faziam presentes promovendo o debate sobre a inserção ou não das mulheres na ferrovia.

Para Possas as funcionárias da ferrovia reagiram, cooptaram, reforçaram e reinventaram práticas sociais, o que contribuiu para a alteração de seu cotidiano. Ao assumirem as funções oferecidas e ao adentrarem no jogo de poder no âmbito dos trens e trilhos, seja como funcionárias ou trabalhadoras diaristas precisaram, muitas vezes, romper com os papéis, ensinamentos e conselhos dados às moças casadoiras em relação ao recato, feminilidade e submissão, enfrentando os preconceitos, as relações de clientelismo, as políticas de indicações, mas muitas vezes também se valendo delas para conquistar, ora o reconhecimento pelo seu trabalho, ora prestígio pessoal e social.

Possas também demonstra com argúcia e delicadeza, várias nuances das relações de amizade, amores, dissabores e competições no ambiente de trabalho da NOB, onde algumas mulheres principalmente a partir do Estado Novo, vão construir carreira e participar de forma genuína na história

da ferrovia na cidade de Bauru.

Assim, primando pela reconstrução dos processos de subjetividade, da busca da identidade, das permanências e mudanças, a historiadora evidencia as experiências vivenciadas cotidianamente pelas mulheres ferroviárias, porém ao optar por uma trajetória de reflexão e escrita que parte de uma perspectiva hierarquizada das realidades: global, nacional, regional, local para só depois chegar às experiências das trabalhadoras ferroviárias e suas memórias, a autora acaba fixando-as a uma macro-estrutura pré-determinada e que de certa forma condiciona essas vivências. Entretanto, ao investir no grande desafio de trazer das margens para o centro a presença feminina na ferrovia, ela enfrenta também o problema da invisibilidade e da inaudibilidade de sujeitos múltiplos e dialoga com o processo de constituição de uma memória oficial e hegemônica que se pretende única na escrita da história.